


**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA FRONTEIRA: VIVÊNCIAS
INTERCULTURAIS NO FESTIVAL AMÉRICA DO SUL**

**YOUTH AND ADULT EDUCATION AT THE BORDER: INTERCULTURAL
EXPERIENCES AT THE FESTIVAL OF SOUTH AMERICA**

**EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS EN LA FRONTERA: VIVENCIAS
INTERCULTURALES EN EL FESTIVAL DE AMÉRICA DEL SUR**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-094>

Data de submissão: 11/10/2025

Data de publicação: 11/11/2025

Rennan Andrade dos Santos

Mestre em Educação

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: rennan.0022@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2360287820246501>

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Pós-doutoranda em Fronteiras Andinas

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Jujuy (UNJu), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: tarissamarques@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8127433421238813>

Ana Claudia Gonzaga da Silva

Mestra em Políticas e Gestão Ambiental

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: gonzagadasilvaanaclaudia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4931912963616602>

Gilson Lima Domingos

Doutor em Educação

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: gilson.domingos@ifms.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9588238037241783>

RESUMO

Este artigo analisa as vivências interculturais de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Corumbá-MS durante o Festival América do Sul. A pesquisa qualitativa, realizada com questionários aplicados antes e depois do evento, visou compreender como os sujeitos da EJA percebem e experienciam o festival enquanto espaço formativo. Os resultados revelam transformações significativas nas percepções dos participantes, ampliação do pertencimento cultural, valorização dos saberes populares e fortalecimento da identidade fronteiriça. O FAS se consolidou como oportunidade de reconhecimento simbólico e ampliação do capital cultural desses estudantes. Conclui-se que a

articulação entre cultura e educação em contextos de fronteira fortalece práticas pedagógicas mais democráticas e sensíveis às trajetórias e aos territórios dos sujeitos da EJA.

Palavras-chave: Cultura e Educação. Capital Cultural. Interculturalidade Crítica. Educação Intercultural.

ABSTRACT

This article analyzes the intercultural experiences of Youth and Adult Education (EJA) students from Corumbá-MS during the Festival of South America. The qualitative research used questionnaires applied before and after the event to understand how EJA students perceive and experience the festival as a formative space. The results reveal significant changes in participants' perceptions, increased cultural belonging, appreciation of popular knowledge, and the strengthening of borderland identities. The FAS emerged as a space of symbolic recognition and cultural capital expansion. It is concluded that the articulation between culture and education in border contexts enhances more democratic and meaningful pedagogical practices for EJA students.

Keywords: Culture and Education. Cultural Capital. Critical Interculturality. Intercultural Education.

RESUMEN

Este artículo analiza las experiencias interculturales de estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de Corumbá-MS durante el Festival de América del Sur. La investigación cualitativa se realizó a partir de cuestionarios aplicados antes y después del evento, con el objetivo de comprender cómo los estudiantes perciben y viven el festival como espacio formativo. Los resultados muestran transformaciones significativas en sus percepciones, un mayor sentido de pertenencia cultural, valorización de los saberes populares y fortalecimiento de la identidad fronteriza. El FAS se consolida como espacio de reconocimiento simbólico y ampliación del capital cultural. Se concluye que la articulación entre cultura y educación en contextos de frontera fortalece prácticas pedagógicas más democráticas y conectadas con las trayectorias y territorios de los sujetos de la EJA.

Palabras-clave: Cultura y Educación. Capital Cultural. Interculturalidad Crítica. Educación Intercultural.

1 INTRODUÇÃO

Viver na fronteira é, antes de tudo, habitar o entre: entre línguas, entre histórias, entre silenciamentos e resistências. É nesse cenário, marcado por fluxos migratórios, desigualdades e potências culturais, que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se inscreve como espaço de reconstrução de identidades e reconhecimento de saberes populares. Em Corumbá, cidade fronteiriça entre Brasil e Bolívia, essa modalidade educativa abriga sujeitos cujas trajetórias escolares foram interrompidas, mas que carregam em si uma profunda riqueza cultural e social.

Apesar de prevista na Constituição Federal (BRASIL, 1988) e em políticas como o PNE (BRASIL, 2014), a EJA ainda é tratada, muitas vezes, como um segmento periférico. No entanto, seus sujeitos são centrais para pensar uma educação que dialogue com a vida real, com os territórios e com as culturas vivas que atravessam o cotidiano. Como destaca Candau (2012), é preciso romper com o caráter homogeneizante da escola e abrir espaço para práticas pedagógicas que reverenciem a diversidade.

Nesse contexto, o Festival América do Sul (FAS), realizado anualmente em Corumbá desde 2004, configura-se como um espaço simbólico de reconhecimento e circulação de capitais culturais, especialmente entre os estudantes da EJA. Mais do que um evento artístico, o FAS potencializa experiências formativas que legitimam saberes não escolares, o saber da vida, das origens, das culturas populares e das identidades fronteiriças.

Este artigo tem como objetivo analisar como estudantes da EJA percebem e vivenciam a interculturalidade no contexto do FAS, e em que medida o evento contribui para o fortalecimento de seus pertencimentos culturais e para a valorização de suas trajetórias. A partir de questionários aplicados antes e depois do festival, buscamos escutar as vozes desses sujeitos, suas impressões, críticas e sugestões, compreendendo o FAS como experiência formativa e oportunidade de ampliação do capital cultural incorporado e simbólico (BOURDIEU, 1998). Ao fazê-lo, assumimos que reconhecer e valorizar esses saberes implica repensar as práticas educativas da EJA a partir da vida real de seus sujeitos, onde cultura e educação se entrelaçam como estratégias de dignidade, pertencimento e justiça simbólica.

A EJA, historicamente marginalizada no interior das políticas públicas brasileiras, constitui um espaço educativo profundamente marcado por disputas simbólicas. Seus sujeitos, frequentemente definidos a partir da lógica do “reparo”, foram, e em muitos casos ainda são tratados, como portadores de déficit, como aqueles que “não aprenderam na idade certa”. Essa leitura deficitária desconsidera que os estudantes da EJA são sujeitos de trajetórias singulares, cujas experiências acumulam formas legítimas de conhecimento, ainda que invisibilizadas pelos sistemas educacionais hegemônicos. Como

destaca Oliveira (1999), é necessário reconhecer a EJA não apenas como modalidade de ensino, mas como território de produção de sentido, identidade e cultura.

Para Bourdieu (1998), o capital cultural incorporado, objetivado ou institucionalizado é distribuído de forma desigual, e a escola, ao valorizar apenas determinadas formas desse capital, reforça as hierarquias sociais por meio daquilo que o autor denomina de violência simbólica. No caso da EJA, a desvalorização de saberes empíricos, fronteiriços, orais e populares cria barreiras não apenas cognitivas, mas também afetivas e identitárias. É nesse ponto que se insere o conceito de justiça simbólica: reconhecer como legítimos os saberes que historicamente foram desconsiderados pelos espaços de poder, promovendo sua valorização e circulação em territórios escolares e culturais.

O Festival América do Sul, ao promover manifestações culturais latino-americanas e fronteiriças, opera como espaço onde capitais culturais não-hegemônicos são validados. Ele torna visível a diversidade que atravessa os corpos e histórias dos estudantes da EJA, criando pontes entre a cultura vivida e a cultura celebrada. Para além do consumo cultural, trata-se de reconhecimento. De escuta. De pertencimento. Como bem afirma Walsh (2010), a interculturalidade crítica pressupõe o questionamento das estruturas de dominação e a construção de espaços pedagógicos fundados na horizontalidade e no diálogo entre saberes.

A fronteira, nesse processo, não é apenas geográfica. É também epistemológica. Como defendem Hall (2003) e Canclini (2008), as identidades culturais se forjam na diferença, na circulação e na mistura características inerentes ao cotidiano corumbaense. Assim, ao integrar o Festival América do Sul como experiência formativa à prática da EJA, reconhece-se que a educação acontece também nas ruas, nos encontros e nas festas. E, promover uma educação intercultural na EJA é, acima de tudo, um gesto de justiça simbólica e compromisso ético com os saberes de quem vive e resiste na fronteira.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, realizada junto a estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Rede Municipal de Ensino de Corumbá-MS. A escolha por essa abordagem partiu do interesse em compreender, a partir da escuta sensível, as experiências e percepções dos sujeitos sobre um evento cultural inserido em seu território: o Festival América do Sul.

O estudo foi desenvolvido em uma escola localizada na parte alta da cidade, em uma região marcada pela forte presença de migrantes internacionais, sobretudo bolivianos. Essa escolha considerou o contexto fronteiriço e a convivência cotidiana entre culturas diversas, elementos que influenciam diretamente as práticas educativas e as experiências dos estudantes da EJA.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário composto por dez perguntas abertas e fechadas, elaborado na plataforma Google Forms. O questionário foi aplicado aos estudantes das 3ª e 4ª fases da EJA em dois momentos distintos: antes e depois da realização do Festival América do Sul em 2025. No primeiro momento, anterior ao evento, participaram 11 estudantes. Já na segunda etapa, após a vivência no festival, 36 estudantes responderam ao instrumento incluindo participantes novos, que se sentiram motivados a vivenciar e refletir sobre o evento. A comparação entre os dois momentos permitiu observar não apenas alterações nas percepções de quem participou previamente, mas também o impacto do festival na ampliação do interesse, da participação e do pertencimento cultural entre os estudantes da EJA.

A análise dos dados foi orientada pela técnica de Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2011), com foco na identificação de categorias temáticas recorrentes nas respostas. Essa técnica possibilitou organizar os sentidos atribuídos pelos estudantes à experiência vivida, respeitando a complexidade e a singularidade de suas trajetórias.

A opção pelo questionário se justifica pela praticidade e pelo potencial de alcance, especialmente em uma proposta de participação voluntária. A metodologia adotada permitiu captar nuances relevantes sobre como os estudantes da EJA percebem, acessam e experienciam eventos culturais em contextos fronteiriços, revelando atravessamentos simbólicos, identitários e sociais.

3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE MUNICIPAL DE CORUMBÁ: SUJEITOS, SABERES E FRONTEIRAS CULTURAIS

A modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) representa uma política efetiva de mudança social e resgate de pessoas com baixa escolaridade e/ou sem escolarização. Se levarmos em conta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2023, no Brasil ainda existem cerca de 7,3 milhões de pessoas sem habilidades de leitura e escrita básica no público de 15 anos ou mais. Logo, a EJA tem o desafio de atuar para reduzir as desigualdades que emergem da falta de escolarização, ao mesmo tempo que valoriza a trajetória de vida desses sujeitos, seus saberes populares e acima de tudo oportunizando espaços para valorização de vozes que historicamente ficaram à margem do processo escolar.

Pensando nisso, a pesquisa advém da possibilidade de escuta atenta e sensível dos educandos dessa modalidade, que carregam implicações sociais, históricas e políticas. Sendo assim, se assume a efetivação da escola como espaço de construção significativa, potencializando a interlocução coletiva de histórias de vida, conhecimentos populares e sobretudo de culturas. Ou seja, não se trata apenas de

perceber a diversidade como algo presente na EJA, é necessário abraçá-la como fonte de potências e inquietações.

Walsh (2010), ao abordar o conceito de interculturalidade, nos alerta que “não se trata apenas de reconhecer a diversidade, mas de questionar e desestabilizar o monoculturalismo do Estado e das instituições” (p. 18). Isso significa que é fundamental debater os alicerces que sustentam desigualdades e silenciamentos, muitas vezes perpetuados por uma escola que não reconhece a pluralidade cultural como elemento constitutivo de uma educação de qualidade. Assim, a EJA se aproxima da interculturalidade crítica por buscar reconstruir sentidos para a educação, valorizando saberes históricos e simbolicamente marginalizados.

Como afirma a mesma autora:

“[...] a interculturalidade crítica implica reconhecer e valorizar os saberes e práticas de conhecimento historicamente invisibilizados, tomando-os como fundamentos para processos educativos e sociais transformadores” (Walsh, 2009, p. 26).

Trata-se de superar estruturas de poder colonial e promover relações baseadas na horizontalidade e no respeito entre saberes. O conhecimento popular deixa de ser um complemento ao científico e passa a ser compreendido como ponto de partida do processo educativo

Com esse enfoque, o Festival América do Sul (FAS) emerge como espaço público de troca, descoberta e pertencimento. Em uma cidade como Corumbá, atravessada por fluxos migratórios, experiências culturais diversas e saberes transnacionais, participar do festival é mais do que assistir às apresentações artísticas: é vivenciar a cultura como experiência viva, como linguagem formativa e como direito. O FAS cria possibilidades para que sujeitos da EJA se vejam refletidos nas expressões culturais ali expostas, fortalecendo suas identidades e reconhecendo seu próprio valor.

Segundo a Fundação de Cultura de MS (2025), nesta 18ª edição o festival possibilitou a integralização entre os povos através da arte, da cultura, da história e da consciência ambiental. A Fundação destaca que “*mais do que um evento artístico, o FAS é uma plataforma de diálogo, de troca de saberes e de valorização das matrizes culturais que formam o Mato Grosso do Sul e a América do Sul [...]*”. Para Márcia Rolon diretora-executiva e fundadora do Instituto Moinho Cultural Sul-Americano que nasceu no FAS, a localização estratégica da cidade de Corumbá no coração da América latina afastada dos grandes centros culturais do nosso país, é o FAS que permite a integração entre as culturas, e principalmente espaços para nos apropriarmos delas. Sendo referência de intercâmbio e harmonia para as fronteiras. (Mato Grosso do Sul, 2025). Nesse sentido, Agência de Notícias do MS, 2025 registou que:

“Em tempos em que as fronteiras parecem querer se erguer novamente, o Festival América do Sul as dissolve em arte, música e afeto. Para os corumbaenses, ele é mais do que um evento: é um elo vivo entre culturas e gerações.” (Mato Grosso do Sul, 2025).

Nesse cenário, ao longo de suas edições, o Festival América do Sul ganhou a envergadura que conhecemos e, mesmo diante de seus diversos formatos e mudanças, nunca se desconectou de sua essência, permitindo que os povos latino-americanos encontrassem, nesse solo, um intercâmbio artístico. Portanto, o FAS se consolida como espaço em que é possível perceber a materialização da diversidade, conforme propõe Walsh (2010), uma vez que rompe com padrões coloniais na composição de suas montagens, ao mesmo tempo em que celebra múltiplas expressões culturais, de forma legítima, como fonte de saber e resistência, fortalecendo uma identidade cultural que se reafirma na harmonia e no reconhecimento de todos os povos.

Nessa perspectiva, retoma-se Bourdieu (1998), para quem o conceito de capital cultural se refere a conhecimentos, habilidades e disposições adquiridas ao longo da vida que têm valor social. No entanto, a escola tradicional tende a valorizar apenas um tipo de capital, o hegemônico, escolarizado e legitimado pela elite. O Festival, ao reconhecer e validar formas de saber populares, orais e fronteiriças, oferece um contrapeso a essa tendência e opera como meio de justiça simbólica: promove o reconhecimento da cultura dos sujeitos da EJA como legítima, digna de visibilidade e respeito.

Compreender como essas dinâmicas simbólicas se materializam no cotidiano da EJA exige olhar para os territórios concretos onde esses sujeitos vivem, estudam e resistem. Em Corumbá, município marcado pela presença de múltiplas culturas e fluxos migratórios, esse cenário ganha contornos singulares. A Rede Municipal de Ensino em 2025, conta com 14.392 estudantes matriculados, distribuídos em 36 unidades escolares nas zonas urbana, rural e ribeirinha. A EJA estava presente em quatro dessas escolas urbanas, atendendo cerca de 400 estudantes. Esta pesquisa foi realizada com alunos de uma dessas unidades, situada em área periférica e com alto número de migrantes internacionais, sobretudo bolivianos. A localização estratégica, próxima ao entroncamento da Rota Bioceânica e a um dos acessos fronteiriços, reforça o caráter transfronteiriço da comunidade escolar.

A escolha dessa escola se deu tanto pela presença significativa de estudantes migrantes quanto pela dinâmica sociocultural do bairro, que abriga comércios e práticas culturais de origem boliviana. Isso permitiu compreender com maior profundidade como os fluxos migratórios e os atravessamentos culturais influenciam as práticas pedagógicas e as percepções dos estudantes sobre o Festival América do Sul. Assim, o estudo parte do reconhecimento da fronteira como território simbólico e social, onde

circulam identidades, saberes e desejos, e onde a EJA se reinventa como espaço de formação intercultural, crítica e transformadora.

Como apontam Santos e Conde (2024), as escolas da EJA localizadas em áreas fronteiriças apresentam significativa presença de estudantes migrantes, o que está diretamente relacionado à pendularidade migratória e à circulação cotidiana entre Brasil e Bolívia.

É importante salientar que entendemos que a fronteira não é apenas um espaço de passagem ou demarcação da separação de países, mas sim um território marcado por histórias e compartilhadas por convivência de diferentes culturas. Essa concepção coloca a escola como espaço que pode dissolver estereótipos que separam e excluem, acessando narrativas locais como fonte de conhecimento ao valorizar saberes do cotidiano fronteiriço, contribuindo para o reconhecimento dos educandos e de sua identidade de fronteira, promovendo uma educação efetivamente intercultural e crítica. Hall (2003) ressalta que as identidades se constroem no movimento, na diferença, não sendo assim estáticas, e Canclini (2008) quando trata de hibridismo põem que as culturas estão em contínuo processo de transformações, trocas, misturas e apelos.

Para Santos (2021) a fronteira não deve ser percebida com o limite, mas como espaço de possibilidades onde é necessário romper os estereótipos repetidamente normatizados nas práticas pedagógicas em nossas escolas. Sendo assim, considerando nossa fronteira a autora ressalta também que é preciso legitimar os saberes locais e as experiências partilhadas entre brasileiros e bolivianos, esse ato educativo potencializa a intercessão de culturas e histórias na formação de nossa identidade mediada pelo território plural que é a nossa fronteira.

Bilange e Arf (2014), corrobora para reforçar que a interculturalidade é construída pela memória, história, afetos e as identidades dos sujeitos que vivenciam a fronteira, ou seja, há saberes fora dos livros que também educam.

Nesse sentido, os sujeitos da EJA quando participam do Festival América do Sul, se reconhecem ali por meio de todos os elementos, músicas, danças, cores, sotaques e esse ambiente desperta sentidos que às vezes não são vivenciados na escola. E, é nesse processo que é possível vivenciar a cultura viva e fortalecer o processo identitário de pertencimento.

A participação dos estudantes da EJA no Festival América do Sul evidencia como os saberes construídos fora da escola forjados na oralidade, na cultura popular e nas vivências do território também são formadores e carregam valor social. Ainda que essas experiências raramente encontrem reconhecimento no currículo formal, elas compõem o que Bourdieu (1998) entende como capital cultural, incorporado nas práticas cotidianas e historicamente desvalorizado pelas instituições escolares. Ao reconhecer essas expressões e dar visibilidade a formas diversas de pertencimento, o

festival atua contra a lógica excludente da escola tradicional, contribuindo para ampliar os sentidos de valorização simbólica e para afirmar que a cultura popular é também lugar de conhecimento, dignidade e construção de identidade.

Portanto, a vivência dos estudantes da EJA no Festival América do Sul é um ato formativo fora da sala de aula, que toca profundamente os sentidos de como percebemos o mundo. Mais do que uma plateia, os estudantes da EJA são protagonistas dessa história. São sujeitos que trazem o saber da vida, e que, ao se verem refletidos nas expressões culturais latino-americanas, constroem sua identidade. É justamente nesse movimento que a educação cumpre uma função fundamental de escuta, respeito e de valorização das diferenças.

Essa também é a interpretação de Candau (2012), ao afirmar que a interculturalidade não é reduzida a situações e temas de aulas, mas precisa atravessar toda a escola. Ela sugere uma pedagogia com enfoque global comprometida com justiça que reverencie os saberes de todos os grupos culturais, questionando, portanto, as desigualdades que emergem da falta de reconhecimento. Em contextos de fronteira, como o de Corumbá, isso se apresenta com ainda mais urgência. Aqui, as pessoas vivem entre mundos, circulam entre línguas, tradições diferentes e formas únicas de sentir e pertencer, mas nem sempre tudo isso ganha eco no chão da escola.

Diante desse panorama, em que se entrelaçam mobilidade humana, diversidade cultural e desafios pedagógicos, torna-se urgente escutar os sujeitos da EJA não apenas como alunos, mas como portadores de trajetórias singulares e saberes legítimos. A vivência no Festival América do Sul, nesse sentido, desponta como uma oportunidade concreta de ampliação do capital cultural desses estudantes, ativando sentidos de pertencimento e valorização identitária. A seguir, apresentamos as análises produzidas a partir dos questionários aplicados, com o objetivo de compreender como esses sujeitos experienciam o FAS e quais sentidos atribuem a essa vivência no contexto da educação intercultural em uma cidade fronteiriça.

4 VOZES DA EJA: PERCEPÇÕES INICIAIS SOBRE O FESTIVAL AMÉRICA DO SUL

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa revela múltiplas dimensões da experiência educativa vivida pelos estudantes da EJA em Corumbá, com destaque para os significados atribuídos à interculturalidade no contexto do Festival América do Sul. Ao longo do processo investigativo, buscamos compreender como esses sujeitos percebem e se relacionam com manifestações culturais diversas em um território marcado pela convivência entre povos e línguas distintas.

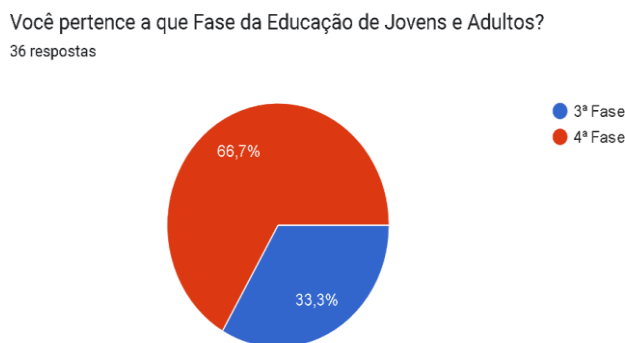
A coleta de dados foi realizada em dois momentos distintos. Inicialmente, antes da realização do Festival, aplicou-se um questionário com o objetivo de mapear percepções prévias dos estudantes

sobre o evento e as práticas culturais presentes na fronteira. Após a vivência no festival, foi proposto um segundo instrumento, também por adesão voluntária, com a finalidade de captar possíveis ressignificações, mudanças de olhares e novos sentidos atribuídos à experiência. Esse percurso metodológico permitiu observar não apenas o impacto direto do festival sobre os sujeitos da EJA, mas também as formas como eles narram suas vivências, reconhecem (ou não) os espaços culturais da cidade e constroem pertencimento a partir do contato com outras culturas.

Ressalta-se que a participação voluntária pode ter contribuído para a discrepância no número de respostas entre as duas etapas da pesquisa, o que, ainda assim, não inviabiliza a potência analítica dos dados obtidos, especialmente no que se refere à escuta sensível das vozes da EJA.

Com o intuito de contextualizar o perfil dos participantes da pesquisa, os dados indicam que a maioria dos estudantes que responderam ao segundo questionário aplicado após a realização do Festival América do Sul está matriculada na 4ª fase da EJA, conforme demonstra o Gráfico 1, representando 66,7% (24 estudantes) dos respondentes. Já a 3ª fase concentra 33,3% (12 estudantes) do total de participantes. Esses dados evidenciam que o público da pesquisa está majoritariamente situado em uma etapa mais avançada do processo de escolarização, o que pode influenciar na forma como percebem e ressignificam as experiências culturais vividas.

Gráfico 1 – Fases dos estudantes participantes da pesquisa na Educação de Jovens e Adultos

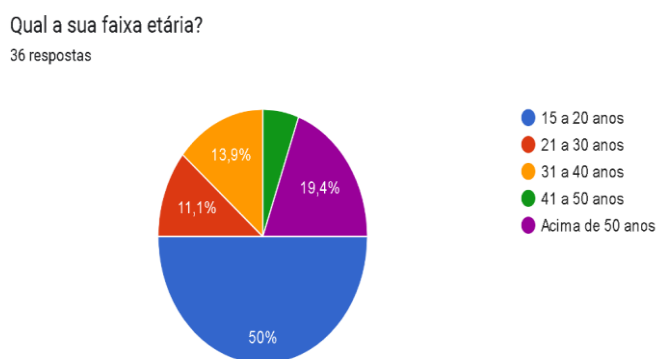


Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Quanto à faixa etária (Gráfico 2), os dados revelam uma expressiva diversidade geracional entre os participantes da EJA, confirmando as novas configurações que a modalidade vem assumindo. A maioria dos estudantes 50%, (ou seja, 18 respondentes) têm entre 15 e 20 anos, o que indica uma presença significativa de jovens que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas precocemente. Ao mesmo tempo, 19,4% (7 estudantes) têm acima de 50 anos, evidenciando o retorno de adultos mais velhos à escolarização. As demais faixas demonstram que diferentes tempos de vida coexistem na sala de aula, compondo um mosaico de trajetórias marcadas por interrupções, resistências e recomeços.

Esses dados, longe de representarem contradição, revelam a pluralidade que caracteriza a EJA contemporânea: um espaço em que juventudes interrompidas convivem com adultos e idosos em busca de ressignificação de suas histórias. Como afirma Oliveira (1999), a EJA não deve ser compreendida apenas como um recorte etário, mas como um território educativo onde se entrelaçam saberes populares, memórias, desigualdades e processos de exclusão. Essa heterogeneidade reforça o caráter singular da modalidade, tanto em termos de vivências quanto de expectativas e modos de relação com o conhecimento.

Gráfico 2 – Faixa etária dos estudantes participantes da pesquisa na Educação de Jovens e Adultos



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Essa diversidade de perfis, tanto em termos de fase escolar quanto de idade, reforça a necessidade de abordagens pedagógicas interculturais que valorizem os diferentes repertórios culturais dos estudantes e reconheçam suas trajetórias como parte constitutiva do processo de ensino-aprendizagem. Como aponta Arroyo (2017), os sujeitos da EJA carregam histórias de resistência, trabalho, maternidade e migração marcas que precisam ser acolhidas pela escola como saberes válidos e estruturantes do currículo vivido.

Nesse contexto, compreender como esses sujeitos acessam e experienciam as manifestações culturais de seu território torna-se fundamental. Na primeira etapa da pesquisa (composta por 11 respostas), os dados revelaram que 63,6% dos estudantes (7 participantes) já haviam ouvido falar do Festival América do Sul (FAS), o que indica uma presença considerável do evento na percepção dos alunos da EJA. No entanto, apenas 36,4% (4 estudantes que responderam ao questionário) relataram já ter participado de edições anteriores, o que evidencia possíveis barreiras de acesso às vivências culturais promovidas pelo festival, mesmo após quase duas décadas de realização no território.

Como ilustrado nos gráficos abaixo:

Gráfico 3 – Participação dos estudantes da EJA no FAS em edições anteriores.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

O Gráfico 3 revela um dado significativo, que evidencia um desafio persistente de acesso à programação cultural da cidade por parte dos sujeitos da EJA, um grupo historicamente marginalizado nas políticas culturais e educacionais. Considerando que o Festival América do Sul já ultrapassa duas décadas de existência nesse território, a baixa participação desses estudantes torna-se ainda mais expressiva, apontando não apenas para limitações de acesso, mas também para falhas no reconhecimento simbólico e no sentimento de pertencimento cultural.

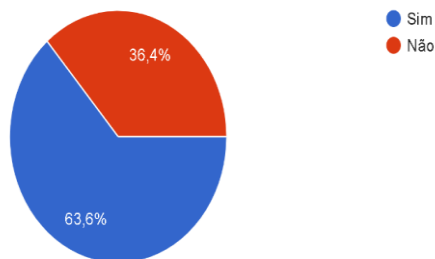
Logo, essa ausência majoritária não pode ser interpretada apenas como desinteresse; ela reflete, sobretudo, barreiras estruturais e simbólicas: falta de divulgação adequada nos espaços escolares, ausência de mediação cultural, horários incompatíveis, ou até mesmo uma percepção de que o evento “não é para eles”. Como lembra Hall (2003), a cultura é também um campo de disputas, e nem todos os sujeitos sentem-se legitimados a ocupar os mesmos espaços culturais.

No contexto da educação de jovens e adultos, essa exclusão cultural se soma a outras formas de silenciamento vividas ao longo da trajetória escolar e social desses sujeitos. Portanto, a participação reduzida em eventos como o FAS nos convoca a repensar estratégias de mediação pedagógica, de forma que a escola atue como ponte ativa entre os estudantes e os bens culturais disponíveis em seu território.

Mais do que levar os estudantes ao festival, é necessário promover pertencimento e reconhecimento fazendo com que o evento dialogue com as histórias, saberes e identidades desses sujeitos. Afinal, a potência educativa da cultura só se concretiza quando todos se sentem parte dela.

Gráfico 4 –Conhecimento dos estudantes da EJA sobre o FAS?

Você já ouviu falar sobre o Festival América do Sul?
11 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

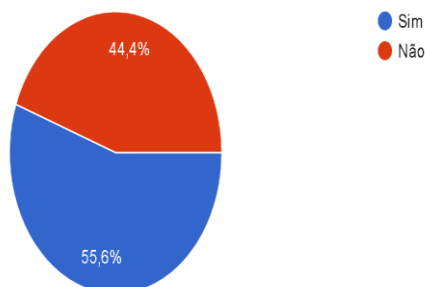
O Gráfico 4 mostra que, embora a maioria dos estudantes da EJA (63,6%, ou seja, 7 dos 11 participantes) tenha afirmado já ter ouvido falar sobre o Festival América do Sul, uma parte considerável (36,4%, equivalente a 4 estudantes) declarou nunca ter tido contato com o evento. Esse dado evidencia uma lacuna preocupante na difusão e democratização da informação cultural no município, especialmente no que se refere ao alcance de públicos populares e historicamente invisibilizados, como os sujeitos da EJA.

Esse desconhecimento não se limita à ausência de informação: ele denuncia o quanto os canais de comunicação institucional e cultural não dialogam diretamente com a realidade e o cotidiano desses estudantes. A circulação da informação ainda está distante das escolas e, muitas vezes, concentrada em públicos já habituados aos circuitos artísticos e culturais. Isso reforça o que autores como Paulo Freire (1996) apontam: a cultura popular precisa ser reconhecida e acessada em sua linguagem, tempo e território.

Após o evento, os dados indicam uma mudança importante: 55,6% dos estudantes da EJA (20 dos 36 participantes) afirmaram ter participado da edição mais recente do Festival América do Sul. Além do aumento na taxa de participação, observa-se também um crescimento no número total de estudantes envolvidos na pesquisa, que passou de 11, na etapa inicial, para 36 na etapa final, o que pode ser interpretado como reflexo de maior interesse e mobilização em torno do festival. Esse dado reforça o engajamento crescente dos sujeitos da EJA com o FAS e sugere que o evento passou a ser percebido por eles não apenas como uma expressão artística, mas como um espaço de vivência cultural, reconhecimento e pertencimento. Conforme Bardin (2011), tal predominância pode ser lida como uma tendência dominante no conjunto analisado.

Gráfico 5 – Presença dos estudantes da EJA nessa edição do FAS (2025)

Você foi no Festival América do Sul esse ano?
36 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

O Gráfico 5 também mostra que 44,4% dos estudantes da EJA (16 sujeitos) não compareceram ao Festival América do Sul em sua edição de 2025. Esse dado reforça a persistência de barreiras que ainda limitam o acesso pleno à fruição cultural por parte de uma parcela significativa dos educandos sejam elas de ordem logística, simbólica ou relacionadas à ausência de mediação adequada entre escola e território cultural.

A presença de estudantes da EJA no evento representa não apenas um número, mas a possibilidade concreta de experiência estética, reconhecimento simbólico e valorização da própria cultura, elementos muitas vezes negados à juventude e à população adulta em processo de escolarização.

Por outro lado, a persistência na ausência (conforme questionário antes do evento), ainda aponta para fatores como falta de informação, dificuldade de deslocamento, desinteresse gerado pela ausência de pertencimento ou mesmo pela programação pouco dialogada com a realidade local. Como afirma Candau (2012), uma educação intercultural crítica exige que os sujeitos se reconheçam nos espaços de cultura e possam interagir com ela a partir de suas identidades e histórias.

Nesse sentido, o FAS possui um potencial formativo evidente, mas é fundamental que esse potencial seja mediado por ações pedagógicas que promovam o engajamento efetivo da comunidade escolar, ampliando o alcance e a representatividade do evento entre os sujeitos da EJA. A leitura interpretativa das respostas abertas dos estudantes da EJA sobre a vivência no Festival América do Sul (FAS) revela um cenário marcado por contrastes, nuances e potências.

Para essa análise, consideramos as respostas às seguintes perguntas do questionário: “Você participou de quais atividades ou apresentações no Festival? Qual delas mais gostou?” e “Como foi a experiência de conhecer outras culturas? Algo te chamou mais atenção?”. As manifestações foram

agrupadas conforme o conteúdo predominante, permitindo identificar tendências e sentidos atribuídos pelos sujeitos à experiência intercultural proporcionada pelo evento.

O dado mais expressivo evidencia uma ausência: 16 estudantes (44,4%) afirmaram não ter ido ao festival ou não souberam descrever suas experiências. Respostas como “não fui”, “não conheci”, “não lembro”, “nada” ou “não sei” indicam barreiras de acesso, pertencimento ou até mesmo de compreensão simbólica das atividades. Essa lacuna aponta para a necessidade de ações pedagógicas mais efetivas, que preparem os estudantes antes do evento e promovam espaços de escuta e ressignificação após a participação. A mediação cultural e educativa é essencial para que esses sujeitos se sintam parte do território simbólico que o FAS pretende representar.

Em contrapartida, 9 estudantes (25%) expressaram avaliações positivas e afetivas, com termos como “gostei”, “foi muito bom” ou “foi boa”. Esse grupo revela que, quando há acesso e envolvimento, a vivência cultural tende a ser significativa e prazerosa.

Ainda que em menor número, duas respostas (5,6%) trouxeram reflexões mais elaboradas sobre a diversidade cultural presente no evento. Os estudantes reconheceram o valor do encontro com outras culturas latino-americanas, compreendendo o festival como espaço de aprendizado e convivência com a diferença. Essas manifestações revelam que o FAS pode, de fato, fomentar uma educação intercultural crítica, desde que haja mediação que favoreça a elaboração conceitual e simbólica da vivência.

Em síntese, os dados demonstram que o Festival América do Sul é percebido por parte significativa dos estudantes da EJA como um espaço de aprendizado, fruição e reconhecimento cultural. No entanto, também revelam limitações estruturais e simbólicas que precisam ser enfrentadas. Para que o evento cumpra sua intenção intercultural de forma mais ampla e democrática, é fundamental que políticas culturais e práticas pedagógicas estejam articuladas, garantindo que os sujeitos da EJA, historicamente silenciados sejam reconhecidos como protagonistas da vida cultural da fronteira.

Nessa perspectiva, a escola pode atuar como ponte entre o território cultural e o processo educativo, reconhecendo os educandos como sujeitos de direito e protagonistas de sua própria cultura na montagem do evento. Para Bourdieu (1998), o capital cultural se manifesta não apenas por meio da escolarização formal, mas também nas experiências simbólicas e práticas que os sujeitos acumulam ao longo da vida. Quando a escola e os atores culturais reconhecem e legitimam esses saberes, contribui para a ampliação do capital cultural dos estudantes, promovendo uma educação mais democrática. Nesse sentido, o FAS, enquanto espaço de fruição e partilha de saberes culturais, pode ser compreendido como dispositivo pedagógico potente especialmente para os estudantes da EJA, cujas

experiências costumam ser invisibilizadas no currículo tradicional e nos eventos dessa natureza em nossa cidade.

Quando questionados sobre o que significa viver em uma região de fronteira, os estudantes da EJA revelaram percepções aparentemente simples, mas profundamente enraizadas em experiências cotidianas. Muitos destacaram aspectos positivos dessa vivência, com frases como: *“eu acho bem legal”*, *“é bom porque posso conhecer outras culturas”* e *“é saber aprender melhor a cultura boliviana e respeitar”*. Outros ressaltaram o valor simbólico da convivência entre diferentes povos: *“fortalece os laços entre os países”*, *“fortalece os laços entre os povos”*, ou ainda, de forma mais subjetiva, *“significa tudo”*.

Uma estudante sintetizou com sensibilidade: *“pra mim significa saber viver entre duas culturas”*, revelando a consciência da interculturalidade que atravessa o cotidiano fronteiriço. Mesmo os desafios foram reconhecidos com naturalidade, como o *“desafio de línguas por causa de não saber espanhol”*, demonstrando que a fronteira é percebida como espaço de trocas, aprendizagens e encontros transformadores. Para esses sujeitos da EJA, habitar a fronteira é mais do que estar entre dois países, é transitar entre diferentes formas de ver, sentir e ser no mundo.

Para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Festival América do Sul é percebido como um evento significativo para a cidade de Corumbá, sobretudo por seu papel em valorizar a cultura local, proporcionar momentos de lazer e permitir o contato com expressões culturais diversas, especialmente de países vizinhos da fronteira.

As respostas do questionário inicial revelaram que os participantes reconhecem o festival como uma oportunidade de integração comunitária e visibilidade para as diferentes culturas presentes na região. *“É bom para conhecer outras culturas”*, *“traz bastante cultura”* e *“ajuda a aprender melhor as culturas dos países”* foram algumas das falas que evidenciam essa percepção.

Podemos perceber que o Festival América do Sul é valorizado pelos estudantes da EJA, mas sua efetividade depende de ações intencionais que promovam a inclusão real. Isso envolve compreender o que os estudantes consideram como "melhores condições", ampliando a escuta para aspectos como acolhimento, acessibilidade, conforto e segurança. O FAS precisa reconhecer a EJA como sujeito com direito à cultura, garantindo um evento culturalmente próximo, logisticamente viável e socialmente justo, que favoreça o pertencimento e o protagonismo desse público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Festival América do Sul (FAS) evidencia tanto os potenciais quanto os limites de iniciativas culturais em contextos de

fronteira. Embora o evento seja amplamente reconhecido pelos estudantes como espaço de aproximação entre os povos e de valorização da diversidade, os dados revelam que essa aproximação nem sempre se traduz em efetiva inclusão ou pertencimento.

Parte significativa dos sujeitos não participou ou teve dificuldades em relatar sua experiência, o que revela desafios de acessibilidade físicas, simbólicas e comunicacionais que ainda persistem. Além disso, em edições anteriores, o festival promovia atividades culturais nos bairros, o que favorecia a descentralização e possibilitava que as comunidades periféricas tivessem acesso à programação artística. A ausência dessas ações nos territórios onde os estudantes vivem impacta diretamente sua relação com o evento, reforçando a sensação de distanciamento.

Diante disso, torna-se urgente repensar o modelo atual do FAS e sua articulação com as escolas na adoção de ações intersetoriais entre os campos da educação e da cultura, capazes de aproximar, de forma intencional, acolhedora e participativa, os sujeitos da EJA das manifestações culturais do município. Estratégias como escuta ativa nas escolas, divulgação direcionada e mediação pedagógica antes dos eventos podem transformar o “nunca ouvi falar” em “me senti parte disso”. Não basta levá-los a assistir as apresentações; é fundamental ampliar o diálogo com os sujeitos fronteiriços, ouvir suas narrativas, considerar seus modos de viver a cultura e, sobretudo, incluí-los nos processos de concepção e organização do evento.

Como afirmam Santos e Conde (2024), "em territórios fronteiriços, a valorização das práticas culturais dos estudantes da EJA precisam reconhecer os sujeitos como produtores de conhecimento"(p.13). Essa reflexão aponta para a urgência de políticas culturais mais sensíveis ao contexto da fronteira e à realidade dos estudantes da EJA.

Portanto, o FAS tem sim um potencial pedagógico relevante, mas esse potencial só se realiza plenamente quando a interculturalidade não for apenas um tema do palco, e sim uma prática efetiva de escuta, reconhecimento e coautoria. Em outras palavras, é hora de transformar a experiência estética em experiência política, garantindo aos sujeitos da EJA não apenas o direito de assistir, mas o direito de significar, expressar e transformar o mundo a partir de seus próprios lugares.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BILANGE, Darlene; ARF, José Carlos. *Escolas interculturais de fronteira: desafios e perspectivas*. Campo Grande: UFMS, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 jul. 2025.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. *Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências*. Diário Oficial da União, 26 jun. 2014.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: um campo de saber em construção*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação*. Rio de Janeiro, 2023.
- MATO GROSSO DO SUL. Fundação de Cultura. *Festival América do Sul*. Disponível em: <https://mscultural.ms.gov.br/festival/festival-america-do-sul/>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Revista Brasileira de Educação, nº 12, São Paulo: USP, 1999.
- SANTOS, Tarissa Marques Rodrigues. *Olhares cruzados sobre a fronteira Brasil-Bolívia por meio da literatura infantil*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá, 2021.
- SANTOS, Tarissa Marques Rodrigues dos; CONDE, Mariana Vaca. *Presença de estudantes migrantes internacionais na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Corumbá: um estudo de 2015 a 2024*. Revista GeoPantanal, Corumbá, v. 19, n. 36, p. 113–122, jan./jun. 2024. DOI: 10.55028/geop.v19i36.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um olhar a partir da diferença colonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, descolonização e educação. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 15-30, jan./abr. 2010.